

2006: 20 anos da APM, 6º ano temático. Os algarismos clamavam pelo Tempo, era óbvio. E é um tema fascinante, convenhamos. O conceito oferece diferentes leituras, conforme as áreas de estudo e as representações. O tempo do astrónomo, do filósofo, do historiador, do poeta, do psicólogo, do artista... E, claro, o tempo do professor, a escola é tão marcada pelo tempo.

Não sou seguramente um exemplo de professor que gere bem o seu tempo. Sempre o senti como um forte constrangimento. O cumprimento dos programas, a selecção de estratégias adequadas, a devida atenção a todos os alunos, a duração e o rendimento das aulas — que teima em não ser aquele que pretendemos — a correcção de testes e trabalhos, a produtividade das reuniões, enfim, são muitos os exemplos em que o tempo é um factor relevante. “Não há tempo”, “precisava de mais tempo”, “perde-se tanto tempo” são expressões comuns entre os professores. Para não falar do toque da campainha, símbolo por excelência do ritmo do tempo na escola.

O tempo é, efectivamente, um elemento fundamental na estruturação do trabalho dos professores. A questão é que pode ter um papel inibidor na geração da mudança e inovação, ambas requerem tempo. Como é que cada um de nós encara o seu tempo: horizonte de possibilidades ou constrangimento opressivo? Oportunidade ou desculpa?

A minha carreira profissional tem sensivelmente a mesma idade que a APM, comecei a leccionar no distante ano lectivo de 1985/86. Nestes cerca de 20 anos, a natureza e as exigências da profissão de professor mudaram muito. As alterações curriculares têm sido constantes no sistema educativo. Surgiram novas disciplinas e áreas curriculares. O perfil da população escolar modificou-se; em particular, alunos com necessidades educativas especiais passaram a frequentar as aulas regulares. A escola abriu-se mais ao exterior e aumentou a comunicação com os encarregados de educação. Também a comunicação e colaboração com colegas se tornaram mais frequentes. A tecnologia entrou na escola e na sala de aula, colocando continuamente novas exigências. As estratégias e os instrumentos de avaliação modificaram-se. A formação contínua tornou-se obrigatória. E por aí fora...

Nestes 20 anos, as responsabilidades do professor alargaram-se. Mas também se tornou mais difuso o seu papel. O tempo melhorou ou piorou a profissão?

O nosso tempo é de globalização, competitividade e comparação o que, aliado à situação nacional de crise eco-

nómica (e cultural?), gera insegurança e propicia o pânico sobre o modo como estamos a preparar as futuras gerações. À educação, em geral, e às escolas, em particular, vêm parar todos os problemas da sociedade, com ou sem solução. Haverá poucos que saibam fazer muito pela economia, mas todos — desde o político ao cidadão comum, passando pelo comentador — sabem fazer algo pela educação.

A receita para a regeneração do nosso contexto precário assenta em dois vectores, a avaliar pelo que se diz. Por um lado, a escola tem de pôr a tónica na ciência e na tecnologia, motores do progresso. Por outro lado, há que melhorar os resultados em competências básicas e restaurar padrões académicos tradicionais. Tudo bem controlado por exames. A ideia implícita é que temos de subir degraus nos *rankings* internacionais, espelhos da nossa vergonha.

Adivinhem: se a solução passa pela ciência, qual a melhor área para a simbolizar?

Este é um tempo em que a tutela se aproveita do complexo de culpa que os professores consciente ou inconscientemente carregam sobre os ombros, de acharem que não fizeram o suficiente, ou que não fizeram suficientemente bem. E de aproveitamento de uma opinião mais ou menos generalizada de que os professores trabalham pouco ou que pouco se interessam pelos alunos. O sentido da política educativa tem sido, pois, a da intensificação: do tempo do professor na escola, do trabalho burocrático e da prestação de contas (*accountability*, como se diz em inglês). Tudo isto num cenário de crescente instabilidade na carreira. Esse aumento de quantidade significa aumento de qualidade? O tempo o dirá.

Perdi-me no tema, não é nada disto que este número temático aborda. Pois aqui o Tempo é essencialmente tratado como grandeza físico-matemática: o percurso histórico e a medição. Poderá ler, por exemplo, sobre calendários — construções científicas e culturais — e, inevitavelmente, sobre relógios de sol.

A sabedoria popular está também ela repleta de metáforas e ditos sobre o Tempo.

Para terminar escolho apenas um: “Atrás do tempo, tempo vem”. Encerra a esperança de tempos melhores. Para todos, muito especialmente para os professores.

Luís Reis

Centro de Competência CRIE da UCP-ESB